



Secretaria de Estado da Educação

# CLIPPING

26 de setembro 2012



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> O Estado de São Paulo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 26/09/12
<b>Assunto:</b> Editorial: a geração "nem-nem"		<b>Página:</b> Online

# O ESTADO DE S. PAULO

## EDITORIAL: A GERAÇÃO "NEM-NEM"

**"Em 2008, um homem com instrução superior nos países da OCDE ganhou, em média, 58% mais do que aquele que possuísse apenas nível secundário. Em 2010, esse porcentual subiu para 67%", afirma jornal**

Um em cada cinco brasileiros entre 18 e 25 anos não trabalha nem estuda. É a chamada "geração nem-nem", dimensionada em estudo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Esses jovens são vítimas de um "desalento estrutural", como analisou Fernando de Holanda Filho, Professor da Fundação Getúlio Vargas, ao jornal O Globo (16/9). Ou seja: são pessoas que desistiram de procurar trabalho, porque não têm quase nenhuma qualificação, e tampouco querem voltar a estudar, porque não se sentem atraídas pela Escola.

No total, há 5,3 milhões de jovens que não trabalham nem estudam, indica a pesquisa coordenada pelo Professor Adalberto Cardoso. Se fossem computados os jovens que ainda procuram alguma ocupação, o número saltaria para 7,2 milhões. Num país com cenário de baixo desemprego e economia em expansão (em 2010, ano em que os números usados na pesquisa foram colhidos, o PIB cresceu 7,5%), isso significa que uma parcela importante dos brasileiros não está participando do desenvolvimento experimentado nos últimos anos. Uma vez sem perspectiva, alguns deles podem cair na criminalidade.

As mulheres, principalmente em razão da maternidade, são maioria nesse grupo - elas somam 3,5 milhões, e os homens, 1,8 milhão -, o que inclui a desigualdade de gênero na equação. O impacto também é maior entre os mais pobres. Na parcela da população com renda per capita de até R\$ 77,75, a geração "nem-nem" chega a 46,2%. E é notável a disparidade regional: no Norte e no Nordeste, a incidência passa dos 25%, contra 13% no Sul e 16,8% no Sudeste.

Os países ricos também têm seus "nem-nem", mas o motivo é a recessão persistente, que inexiste no Brasil. Entre os 34 integrantes da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a média dos jovens que se encontram nessa situação é de 15,8% - contabilizando-se os que ainda procuram emprego e se considerando que a faixa etária usada como critério é mais larga, de 15 a 29 anos.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

A OCDE afirma, no entanto, que a situação dos "nem-nem" na maioria dos países estudados é transitória e que os motivos variam de lugar para lugar, incluindo-se aí questões culturais - o que explica, por exemplo, que 77% das jovens mexicanas nem trabalhem fora de casa nem estudem, preferindo dedicar-se à formação da família.

As eventuais dificuldades econômicas dos países integrantes da OCDE - que incluem potências como Estados Unidos e Grã-Bretanha e também emergentes como Turquia e México - não impediram que o investimento em Educação fosse não apenas mantido, como, em alguns casos, experimentasse sensível ampliação.

Como mostra o mais recente estudo da organização, o Education at a Glance 2012, isso aconteceu com pelo menos 24 dos 34 membros durante os anos de 2008 e 2009, que foram de forte crise e recessão. Segundo a OCDE, tal cenário se explica pela conclusão generalizada de que apostar em Educação traz benefícios tanto para os indivíduos quanto para a sociedade, ainda mais em tempos de dificuldades econômicas. Em 2008, um homem com instrução superior nos países da OCDE ganhou, em média, 58% mais do que aquele que possuísse apenas nível secundário. Em 2010, esse percentual subiu para 67%.

Tal perspectiva é semelhante no Brasil, mas, ao que parece, uma parte considerável dos jovens brasileiros não consegue enxergar essa oportunidade, quer por desinformação, quer porque não se sente estimulada a enfrentar a rotina de estudos em Escolas de baixa qualidade. Trata-se de um indicativo de que o crescimento econômico brasileiro pode ter seus problemas agravados no futuro próximo, porque é essa geração que terá de enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais exigente. Portanto, a escassez de mão de obra com um mínimo de competência técnica, que é um dos entraves crônicos do desenvolvimento no Brasil, tende a se acentuar - a não ser que haja uma virada drástica e imediata no sistema educacional, de modo a atrair novamente essa massa de jovens para os estudos e a especialização, fazendo-os perceber que a Educação pode significar um futuro melhor.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**Veículo:** Diário Catarinense

**Editoria:** Reportagem Especial

**Data:** 26/09/2012

**Assunto:** Agressão a professor – O medo ronda

**Página:** 4/5

### DIÁRIO CATARINENSE

# O medo ronda

*A professora Marcia Machado, com 28 anos de magistério, foi agredida pela mãe de um aluno, Elaine Delfino da Rosa, que havia ido à escola para conversar sobre outro episódio de agressão. O Núcleo de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento à Violência na Escola esteve no colégio. Uma das ações será solicitar ao Conselho Tutelar que faça uma visita à família da agressora. Ela aceitou falar com o DC, mas depois desautorizou o jornal a publicar sua versão.*

ROBERTA KREMER

**A** Escola Estadual Rosa Torres de Miranda, no Bairro Jardim Atlântico, porção continental de Florianópolis, amanheceu ontem sem aulas. As crianças ficaram em casa, pois o dia era para os professores discutirem a violência na unidade de ensino. Isso porque, na segunda-feira, uma docente, ao chegar para lecionar, foi agredida por uma mãe, que teria ajudado o filho a bater num aluno na semana anterior. A preocupação dos profissionais da educação é saber até quando vão ficar à mercê da insegurança no colégio.

Segundo as orientadoras pedagógicas, que presenciaram a agressão, o motivo teria surgido na última quinta-feira, quando o filho de Elaine Delfino da Rosa teria sido perseguido e agredido por colegas fora da escola. Na reunião com as orientadoras, a professora Marcia Machado, 52 anos, questionou a postura da mãe por supostamente ter perseguido um dos garotos após a briga e o segurado para o filho bater. Quando Marcia a criticou, Elaine teria ficado furiosa e dado um tapa na professora, jogando-a no chão.

A professora, que em 16 de outubro de 2011 recebeu a Medalha Herbert de Souza, da Câmara de Vereadores de Florianópolis, pelo trabalho de aproximação da comunidade à escola por meio da Associação de Pais e Professores (APP), está de atestado médico.

– Já presenciei episódios com colegas, isso nunca tinha acontecido comigo. Mas nem um caso desses faria eu desistir de minha profissão e nem trocar de colégio – afirma Marcia.

### Escola chegou a pedir transferência

Os outros professores da escola, de 459 alunos, passaram a manhã em reunião para discutir medidas de proteção. Queriam a transferência do aluno para afastar a família, já que a professora teria recebido ameaças de parentes de Elaine. Mas a Gerência Regional de Educação afirmou que não poderia retirar o garoto do colégio.

A suposta agressão não é um caso isolado nas escolas catarinenses. A Secretaria de Educação não tem nenhum levantamento, mas recentemente alguns casos assustaram a população. Há duas semanas, um professor levou socos de uma mãe na Escola Estadual Nicolina Tancredo, em Palhoça. Em julho, um outro foi ferido por uma barra de ferro ao tentar separar a briga entre alunos e um grupo de ex-alunos que invadiram a Escola Estadual Dante Mosconi, em Caçador, no Oeste.

– A Secretaria de Educação ainda está muito inoperante frente à violência nas escolas. O governo, este ano, fez economia e retirou os vigias das unidades – lamenta o secretário do sindicato dos professores (Sinte), Sandro Cifuentes.

A secretaria confirmou a redução na segurança em 20% do total. Nos próximos dias, o Sinte e a pasta da Educação devem se reunir para tratar dos últimos casos de agressão.



“

MARCIA MACHADO

Professora

*Já presenciei episódios com colegas, isso nunca tinha acontecido comigo. Mas nem um caso desses faria eu desistir de minha profissão e nem trocar de colégio.*



# as escolas

### ENTREVISTA

**Flávio Bernardes**

Diretor-geral da SDR

## “O que fazer cabe à unidade de ensino”

*O DC procurou a Gerência Regional de Educação da Secretaria de Desenvolvimento Regional da Grande Florianópolis (SDR) para abordar as agressões na Escola Rosa de Miranda. O diretor-geral da SDR, Flávio Bernardes, falou, por telefone, sobre o caso.*

**DC** – Quais foram as medidas que o governo adotou para evitar esse tipo de agressão no colégio?

**Flávio Bernardes** – Foi um caso pontual. A diretora nos comunicou e imediatamente a Gerência de Educação encaminhou seus técnicos. A análise do que aconteceu e a decisão do que fazer tem que partir da gestão da própria unidade de ensino, que está capacitada para atuar nesse tipo de situação. Se vão resolver, é uma outra questão. E resolver o quê? Acabar com a violência na escola, no Estado, no país? Não vamos colocar um guarda lá dentro porque uma mãe machucou uma outra professora, é imprudente agir desta forma.

**DC** – Conforme os servidores, a professora teria sido ameaçada. Será oferecida alguma medida protetiva a ela?

**Bernardes** – Não tenho a informação de que a professora teria sido ameaçada. É um caso pontual por causa de briga de aluno, que elas acabaram se machucando. Não entendo isso como ameaça. Agora a questão é pedagógica, com encontros e seminários; não é policiamento.

**DC** – Os professores queriam que o aluno fosse transferido de colégio, mas a família não aceitou. O que a Gerência Regional de Educação fará?

**Bernardes** – Nenhuma escola pode transferir o aluno em uma situação dessas. O estudante continua na unidade de ensino sim e só não fica lá se ele não quiser.

**DC** – Esses casos podem assustar quem está ingressando na profissão?

**Bernardes** – A profissão do professor não é uma decisão do dia para noite, o interessado sabe que não vai receber bem, por exemplo. Tem seus desafios. É preciso vocação.

## Ato é reflexo da intolerância

A violência nas escolas, para especialistas, é um reflexo da intolerância da sociedade de um modo geral. Para a psicóloga educacional da Univali Léia Viviane Fontoura, o contexto atual está voltado para se resolverem apenas as questões de si mesmo, deixando-se de lado a solidariedade e a convivência.

Apesar de ser vista como um espaço protegido, a escola não está imune a esse contexto, como acrescenta o professor do Laboratório de Psicologia Escolar e Educacional da Universidade Federal de SC (UFSC), Adriano Henrique Nuernberg. O professor acredita que os

conflitos no ambiente escolar deveriam ser vistos como uma oportunidade de se ensinar a convivência, buscando-se soluções e respeito às diversidades. Além das situações do cotidiano, ele acredita que as escolas deveriam incentivar a tolerância por meio de um projeto pedagógico, desde as séries iniciais. Os especialistas defendem a responsabilidade da instituição na formação dos sujeitos. Mas, assim como a escola, os pais têm um papel fundamental na implementação de uma “cultura da paz”.

– Eles devem conversar com a escola, encontrar caminhos coletivos, afinal, é

da educação dos filhos que estamos falando – reforça a psicóloga Léia.

Nuernberg destaca que, quando acontecerem, os conflitos devem ser resolvidos logo, no próprio ambiente escolar e na escola. Os pais também têm que ter consciência de que as suas atitudes servem de modelo para os filhos. Por isso, caso sinta que o filho foi prejudicado de alguma maneira, deve tentar fazer valer os direitos legais dessa criança ou jovem. Se agirem de maneira errada em algum confronto, a sugestão do especialista é assumir o equívoco, o que servirá como um exemplo de reparação.

Devido à agressão da professora, a escola permaneceu fechada ontem



### Outros casos de violência

#### SETEMBRO DE 2012

- Professora é agredida por mãe de ex-aluno, na Escola Nicolina Tancredo, no Alto do Aniriú, em Palhoça. Por causa disso, o colégio fechou as portas por três dias.

- Alunos atiram rojão próximo à Escola Celso Ramos, em Blumenau. O explosivo foi arremessado de dentro do muro da instituição e caiu em um ponto de ônibus.

#### AGOSTO DE 2012

- Aluno de 16 anos da EEB Zélia Scharf, em Chapecó, foi assassinado na saída da escola por um estudante de outra escola, a EEB Lara Ribas.

#### JULHO DE 2012

- Professor é ferido por uma barra de ferro, ao tentar separar a briga entre alunos e um grupo de ex-alunos que invadiram na Escola Estadual Dante Mosconi, em Caçador, no Oeste.

#### OUTUBRO DE 2010

- Diretora é agredida por um aluno de 15 anos na Escola Celso Ramos, no Centro da Capital. O colégio fechou por 12 dias e depois para sempre.

- No Norte do Estado, uma professora esfregou o papel no rosto de uma criança de oito anos porque ela teria esquecido o caderno em casa. A família registrou boletim de ocorrência.

#### FEVEREIRO 2010

- Professora teve o pé quebrado e sofreu hematomas depois de ser agredida pela mãe de uma aluna. A agressão aconteceu em frente da Escola Estadual Cristo Rei, no Bairro Real Parque, em São José. A mãe teria se irritado ao não encontrar a filha no portão.

#### AGOSTO DE 2009

- Uma professora é agredida por uma mãe de aluno no Instituto Estadual de Educação, no Centro da Capital. A agressora pediu para falar com ela, e quando se aproximou deu tapas na cara da educadora, que já caída, recebeu pontapés. A cena aconteceu na frente dos alunos.

#### ABRIL DE 2007

- Tentativa de homicídio na escola municipal Luiz Cândido da Luz, em Florianópolis. Um adolescente de 16 anos foi baleado no peito.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**Veículo:** Diário Catarinense

**Editoria:** Geral

**Data:** 26/09/2012

**Assunto:** Capital recebe primeira ação da campanha

**Página:** 24

# DIÁRIO CATARINENSE



**OFICINAS EM ESCOLA**

## Capital recebe primeira ação da campanha

A primeira ação da campanha A Educação Precisa de Respostas, do Grupo RBS, será amanhã, na Capital, na escola estadual Simão José Hess. Haverá atividades para alunos e professores, e participação de 80 voluntários.

Chamada de A Educação Precisa de Respostas na Escola, a ação, em parceria com a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, pretende valorizar o ambiente escolar e as pessoas que fazem parte dele. Os voluntários – colaboradores do Grupo RBS e parceiros – participarão das oficinas para mais de mil alunos.

Os estudantes produzirão um jornal de oito páginas com a equipe do DC. O caderno terá tiragem de 15 mil exemplares, a serem distribuídos nas escolas participantes. Eles também irão aprender como se faz um telejornal com a equipe da RBS TV e conhecerão os apresentadores do programa de rádio Pretinho Básico.

Haverá ainda um bate-papo sobre livros, além de aulas de dança, música, fotografia documental, história em quadrinhos, redes sociais, fanzine e outras atividades. Também terá uma capacitação com os docentes, feita pelo professor Otávio Auler.

As ações e os eventos serão realizados em outras escolas de SC e RS.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**Veículo:** A Notícia

**Editoria:** AN Estado

**Data:** 26/09/2012

**Assunto:** Professora é agredida por mãe de aluno

**Página:** 11

# ANOTÍCIA

## Professora é agredida por mãe de aluno

Uma professora do 4º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Rosa Torres de Miranda, no Jardim Atlântico, em Florianópolis, foi agredida pela mãe de um aluno. O caso ocorreu na manhã desta segunda-feira. Segundo laudo médico, a mulher sofreu uma fratura no pé. A escola, que tem 459 alunos, suspendeu as aulas na manhã de ontem para discutir o caso entre os professores e trabalhadores da unidade.

Segundo funcionários, que preferem não se identificar, o motivo da agressão teria surgido na última quinta-feira, quando o filho da agressora teria sido perseguido e agredido por colegas do mesmo ano. Revoltada com o fato, a mãe foi à escola pedir providências à direção. Ela teria se alterado em uma discussão com a professora e partido para a violência.



**Veículo:** Jornal de Santa Catarina

**Editoria:** Geral

**Data:** 26/09/2012

**Assunto:** Violência. Professora sofre agressões de mãe de aluno

**Página:** 06

# Violência. Professora sofre agressões de mãe de aluno

Desentendimento ocorreu segunda-feira em colégio estadual de Florianópolis

GUTO KUERT

**FLORIANÓPOLIS** - A Escola Estadual Rosa Torres de Miranda, no Bairro Jardim Atlântico, amanheceu ontem sem aulas. As crianças ficaram em casa, pois o dia era para os professores discutirem a violência na instituição de ensino.

Isso porque na segunda-feira uma das colegas teria sido agredida por uma mãe de aluno. A preocupação dos profissionais da educação é saber até quando ficarão com o sentimento de insegurança no colégio.

**A mãe teria se alterado em uma conversa com Marcia sobre o estudante. Ela teria dado um tapa na professora e em seguida a jogado no chão**

Segundo as orientadoras pedagógicas, que presenciaram a violência, o motivo seria a perseguição e agressão sofrida pelo filho de Elaine Delfino da Rosa por colegas do mesmo ano fora da escola na última quin-

ta-feira.

Revoltada com o fato, a mãe foi ao colégio pedir providências à direção.

Ela teria se alterado em uma conversa com a professora Marcia Machado e partido para a violência. A mãe do estudante teria dado um tapa na professora e a jogado no chão. Marcia torceu o pé e agora anda de muletas.



De acordo com laudo médico, a professora teria sofrido fratura no pé ao ser derrubada

Herbert de Souza, da Câmara de Vereadores de Florianópolis pelo trabalho de aproximação da comunidade à escola por meio da Associação de Pais e Professores (APP), está de atestado médico.

- Já presenciei episódios com colegas, isso nunca tinha acontecido comigo. É inesperado, mas nenhum caso faria eu desistir de minha profissão e nem trocar de colégio - afirma Marcia

tuição de ensino de 459 alunos, passaram a manhã em reunião para discutir medidas de proteção na escola. Eles também queriam a transferência do aluno para afastar a família, já que a professora teria recebido ameaças de parentes de Elaine. Mas a Gerência Regional de Educação afirmou que não poderia retirar o garoto do colégio e as ações protetivas devem partir da direção

## CONTRAPONTO

*O que diz Elaine Delfino Rosa:*

A mãe do aluno foi procurada pela reportagem por duas vezes. Em um primeiro momento não quis falar, mais tarde aceitou no meio da entrevista se arrepender. Não autorizou a publicação de sua identidade.